

Erros do desenvolvimentismo

Situação do país piorou em 20 anos

Desde o início do governo Fernando Henrique, em 1995, o Produto Interno Bruto (PIB) real, já descontada a inflação, registra uma variação média de 1,9%. O cálculo é do economista João Luiz Mascolo, com base na estimativa de queda real de 1,2% este ano, de acordo com a meta acertada com o Fundo Monetário Internacional.

Nesses últimos cinco anos, a diferença a mais ou a menos dessa taxa média do PIB (desvio padrão) é de 2,34%. É um dado que mostra o risco de investir e influi na tomada de decisão da iniciativa privada para expandir a economia. Quanto mais volátil é o desvio padrão maior é o risco, porque torna-se difícil planejar investimentos, explica Mascolo.

Os indicadores são mais graves quando se regrida a 1990: o PIB real médio avançou apenas 1,61%, enquanto o desvio padrão atingiu 3,94%. Esse resultado contribuiu muito para o aumento da violência urbana, para a insatisfação da população com seus governantes, para o desemprego e para a queda da fertilidade, avalia o economista.

O estudo de Mascolo reporta-se ao comportamento da economia desde 1951. Mas é nas duas últimas décadas que a situação do país mostra uma deterioração contínua, como resultado de ter prevalecido a tese desenvolvimentista nos governos Figueiredo e Sarney. "A opção foi feita no início de seus mandatos e, por ter vida curta, ambos paga-



José Varella - 18/4/85



A tese de Dornelles perdeu para a de Funaro na era Sarney

ram um alto preço político".

Durante cinco meses, entre março e agosto de 1979, duelaram os ex-ministros da Agricultura Delfim Netto, e Mário Henrique Simonsen, do Planejamento. Enquanto o primeiro cerrava fileiras com os desenvolvimentistas, Simonsen batia-se pela política econômica ortodoxa. Delfim venceu e tornou-se ministro do Planejamento, com direito a comemorar o crescimento médio real de 8,04% do PIB nos dois primei-



Guilherme Romão - 17/12/79



Luciano Andrade - 1/12/85

ros anos, com um desvio padrão de apenas 1,77%.

Logo depois, finda a "bolha" de crescimento, o país mergulhou na recessão, destaca Mascolo. A média do PIB real registrou queda de 0,32% de 1981 a 1984, com um desvio padrão de 4,34%. O crescimento real médio da economia de 7,34%, no período de 1951 a 1978, despencou para 2,39%, entre 1979 e 1984. A inflação, que no primeiro ano do governo do general Figueiredo era de

45%, saltou a 225%, em 1984.

"O risco interno do país subiu. As reservas internacionais minguaram a US\$ 5 bilhões, em 1979, para se esgotarem em 1982, voltando ao patamar anterior dois anos depois". O grande erro político repetiu-se no governo seguinte, com Sarney, que assumiu a presidência como vice de Tancredo Neves, pelo PMDB.

A mesma briga confrontou, em 1985, a linha ortodoxa do ministro da Fazenda Francisco Dornelles, com o desenvolvimentismo do ministro do Planejamento João Sayad. O embate durou quatro meses e venceu a tese da "bolha" de crescimento, com Dilson Funaro, na Fazenda. A história repetiu-se: média do crescimento real do PIB, nos dois primeiros anos, de 7,65%, com desvio padrão de 0,21%.

O governo de cinco anos de Sarney terminou em 1989 com a média real do PIB em expansão de apenas 2,19% ante desvio padrão de 2%. A inflação herdada de 225% explodiu acima de 2.500%, em 1989. O ônus político foi a derrota esmagadora do PMDB, partido de Sarney na época, nas eleições daquele ano, recorda Mascolo.

O economista lembra que o último programa de estabilização de que deu certo foi o Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg), em 1964, de autoria dos ministros, na época, da Fazenda Roberto Campos e do Planejamento Octavio Gouveia de Bulhões. "A consequência foi a retomada do desenvolvimento e a estabilidade". Os investimentos ficaram acima de 23% do PIB e só foram superados no período do "milagre brasileiro", quando bateram 33% em plena crise do petróleo. (C.B.)